



B1

ISSN: 2595-1661

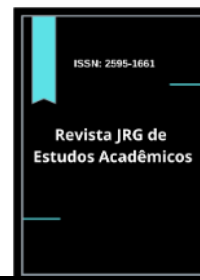
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Preconceito racial no Brasil: percepções de estudantes universitários na Amazônia Ocidental

Racial prejudice in Brazil: perceptions of university students in the Western Amazon

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1703

ARK: 57118/JRG.v7i15.1730

Recebido: 05/12/2024 | Aceito: 15/11/2024 | Publicado *on-line*: 16/12/2024

Chrystiano de Campos Ferreira¹

<https://orcid.org/0000-0002-4524-4434>

<http://lattes.cnpq.br/6214396903315123>

Universidade Federal de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: chrystiano_campos@yahoo.com.br

Jenilson Reis de Azevedo²

<https://orcid.org/0009-0008-2319-7164>

<http://lattes.cnpq.br/3714263656063493>

Faculdade Católica de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: jenilsonazevedo@gmail.com

Joselane Schereder Reis de Azevedo³

<https://orcid.org/0009-0006-7819-4361>

<http://lattes.cnpq.br/8693589441336195>

Faculdade Católica de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: josisra520@gmail.com

Kaio Leonardo Conesque⁴

<https://orcid.org/0009-0003-0002-6251>

<http://lattes.cnpq.br/6202971236633486>

Faculdade Católica de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: kaioleonardoculto@gmail.com

Cecilia dos Anjos Silva⁵

<https://orcid.org/0009-0003-9031-036X>

<http://lattes.cnpq.br/5099055496736659>

Faculdade Católica de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: cecilianjosilva7@gmail.com

Mario Jonas Freitas Guterres⁶

<https://orcid.org/0009-0009-0846-9923>

<http://lattes.cnpq.br/9645533803629791>

Faculdade Católica de Rondônia, RO, Brasil

E-mail: mario.guterres@fcr.edu.br



¹ Graduado em Medicina, Cirurgião de Cabeça e Pescoço, Doutor em Oncologia e Acadêmico de Direito.

² Graduado(a) em Administração, Especialista em diversas áreas e Acadêmico de Direito.

³ Graduado(a) em Administração, Especialista em diversas áreas e Acadêmica de Direito.

⁴ Acadêmico de Direito.

⁵ Acadêmico de Direito.

⁶ Graduado em Direito, Especialista, Mestre.

Resumo

Introdução: A Amazônia Ocidental, rica em diversidade cultural, também enfrenta desafios significativos relacionados ao racismo. Este estudo visa compreender como jovens universitários da região percebem e enfrentam o preconceito racial, contribuindo para um debate mais profundo sobre desigualdades raciais no Brasil. **Metodologia:** A pesquisa, de abordagem quantitativa e qualitativa, foi realizada com estudantes da Faculdade Católica de Rondônia, utilizando um questionário elaborado e distribuído online e presencialmente. O estudo incluiu 200 participantes, focando na autodeclaração étnica, experiências de discriminação e conhecimento sobre racismo. **Resultados:** Dos participantes, 27% (n=54) relataram já ter sofrido alguma forma de racismo, com o ambiente escolar sendo o local mais frequente (53,7%, n=29), seguido pela rua (42,6%, n=23). Em resposta a essas experiências, 77,8% (n=42) tomaram alguma providência. Quanto ao conhecimento legal, 99,5% (n=199) afirmaram saber que racismo é crime e 96% (n=192) reconheceram a existência de racismo estrutural no Brasil. Apesar de muitos (71,5%, n=143) estarem cursando o ensino superior incompleto, 65% (n=130) expressaram descontentamento com as políticas públicas atuais, embora 60% (n=120) reconhecessem avanços recentes. **Discussão:** Os resultados indicam que, embora a maioria dos estudantes não tenha vivenciado discriminação, as experiências relatadas sublinham a necessidade de uma abordagem mais crítica nas instituições de ensino. O elevado nível de conscientização sobre racismo como crime e a percepção do racismo estrutural refletem um entendimento crítico entre os alunos, destacando a urgência de reformas nas políticas públicas para abordar efetivamente as raízes do racismo. **Conclusão:** As universidades desempenham um papel crucial na promoção de uma cultura de respeito e igualdade. Investir em programas de conscientização e políticas afirmativas é essencial para combater o racismo e criar um ambiente acadêmico inclusivo. Futuros estudos devem explorar a complexidade do racismo na sociedade brasileira, visando estratégias efetivas para enfrentar esse desafio persistente.

Palavras-chave: *racismo, estudantes universitários, preconceito racial*

Abstract

Introduction: The Western Amazon, rich in cultural diversity, also faces significant challenges related to racism. This study aims to understand how university students in the region perceive and confront racial prejudice, contributing to a deeper discussion on racial inequalities in Brazil. Method: The research, employing both quantitative and qualitative approaches, was conducted with students from the Faculdade Católica de Rondônia using a questionnaire distributed both online and in person. The study included 200 participants, focusing on self-declared ethnicity, experiences of discrimination, and knowledge about racism. Results: Among the participants, 27% (n=54) reported having experienced some form of racism, with the school environment being the most frequent location (53.7%, n=29), followed by the street (42.6%, n=23). In response to these experiences, 77.8% (n=42) took some action. Regarding legal knowledge, 99.5% (n=199) stated that they know racism is a crime, and 96% (n=192) acknowledged the existence of structural racism in Brazil. Despite many (71.5%, n=143) being enrolled in incomplete higher education, 65% (n=130) expressed dissatisfaction with current public policies, although 60% (n=120) recognized recent advancements. Discussion: The results indicate that, although the majority of students have not experienced discrimination, the reported experiences underscore the need for a more critical approach in educational institutions. The high level of awareness

about racism as a crime and the recognition of structural racism reflect a critical understanding among students, highlighting the urgency for reforms in public policies to effectively address the roots of racism. Conclusion: Universities play a crucial role in promoting a culture of respect and equality. Investing in awareness programs and affirmative policies is essential to combat racism and create an inclusive academic environment. Future studies should explore the complexities of racism in Brazilian society, aiming for effective strategies to confront this persistent challenge.

Keywords: racism, university students, racial prejudice

1. Introdução

Vários estudos indicam que a percepção do racismo entre jovens adultos pode variar significativamente de acordo com o contexto educacional e social em que estão inseridos (Ianni, 2004; Sacco et al., 2016; SANTOS, 2005; Allport, 1954; Menezes, 2023; Lins et al., 2014). Estudantes universitários frequentemente possuem uma compreensão mais crítica e informada sobre questões de preconceito racial em comparação com a população geral. No entanto, essa percepção pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo a formação acadêmica, o ambiente social e as experiências pessoais.

A análise sob a perspectiva da colonialidade do poder revela que a estrutura social brasileira mantém uma clara divisão racial, com mestiços mais claros ocupando posições de privilégio e mestiços mais escuros concentrados em trabalhos subalternos. Essa divisão, enraizada na história da escravidão, reflete a persistência de hierarquias sociais e raciais no país (Figueiredo et al., 2009; da Silva et al., 2019; Guimarães, 2004).

A representação midiática dos mestiços mais escuros no Brasil, marcada pela estereotipização e invisibilização, é um reflexo da colonialidade do poder. Seguindo os argumentos de Quijano, as independências latino-americanas não romperam com as estruturas coloniais, perpetuando hierarquias raciais que se manifestam nas representações culturais e sociais (Figueiredo et al., 2009; Souza, 2003; dos Santos & Canen, 2007).

A negação do racismo, característica marcante da sociedade brasileira, contradiz o reconhecimento da desigualdade racial. Pesquisas, como a de Lilian Schwarcz, demonstram que os brasileiros, embora reconheçam a existência do racismo, negam sua própria participação em práticas discriminatórias. Esse fenômeno, conhecido como "racismo à brasileira", está relacionado à negação da história de racismo do país e à manutenção de privilégios, dificultando o combate à desigualdade racial (Figueiredo et al., 2009; Gonzalez, 1984).

A conclusão informal da pesquisa era, assim, que todo brasileiro parece se sentir como uma "ilha de democracia" cercado de racistas por todos os lados. As representações sociais são as formas pelas quais o senso comum expressa seu pensamento, ou seja, as representações sociais são como mapas mentais que usamos para navegar pelo mundo. Elas nos ajudam a dar sentido à realidade e a nos conectar com outras pessoas. Ao entender as representações sociais, podemos compreender melhor como as pessoas pensam, sentem e agem em sociedade (SANTOS, 2005; Pereira et al., 2003).

Segundo Pettigrew e Meertens (1995), o preconceito evoluiu. Hoje, ele se manifesta menos através de expressões diretas de hostilidade e mais através da negação de sentimentos positivos em relação aos grupos discriminados. Além disso, há uma tendência a enfatizar as diferenças culturais, especialmente no que diz respeito aos

valores do trabalho, para justificar a desigualdade e a discriminação (Pereira et al., 2003; Pettigrew, & Meertens, 1995)

Em suas pesquisas, Martinez e Camino observaram uma discrepância significativa entre a percepção individual de preconceito e a percepção do preconceito na sociedade como um todo. Os participantes das pesquisas tendiam a se autoavaliar como pouco preconceituosos, enquanto atribuíam um nível de racismo bem mais elevado à sociedade brasileira. Essa dissociação, segundo os autores, revela um mecanismo de defesa psicológico, no qual as pessoas negam seu próprio preconceito e o projetam na sociedade como um todo (Pereira et al., 2003; Martinez & Camino, 2000)

O artigo "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem" de Oracy Nogueira, publicado na revista *Tempo Social*, explora a distinção entre dois tipos de preconceito racial observados nos Estados Unidos e no Brasil (Nogueira, 2007).

No Brasil, o preconceito de marca é comum. Por exemplo, um clube recreativo pode hesitar em aceitar uma pessoa de cor, mas pode abrir exceção se ela demonstrar alta inteligência, educação ou condição econômica. Esse tipo de preconceito permite certa mobilidade social, dependendo das conquistas individuais (Nogueira, 2007; Rosemberg et al., 2014; Lima & Vala, 2004).

Enquanto que nos Estados Unidos, o preconceito de origem é mais predominante. Uma pessoa de ascendência negra, não importa suas realizações pessoais, enfrenta barreiras e exclusões significativas, como ser impedido de morar fora de áreas segregadas ou utilizar certos serviços e instalações públicas (Nogueira, 2007).

O artigo conclui que, embora os dois países apresentem preconceito racial, a natureza e a expressão desse preconceito são significativamente diferentes. No Brasil, há uma maior flexibilidade e possibilidade de ascensão social para pessoas de cor que conseguem compensar o preconceito com outras qualidades. Nos Estados Unidos, o preconceito é mais rígido e menos suscetível a exceções desse tipo (Nogueira, 2007).

Em suma, o panorama da pesquisa sobre preconceito racial no Brasil destaca a necessidade contínua de investigação e ação. Mesmo com a ideia de democracia racial, o racismo persiste e se manifesta de formas variadas, o que enfatiza a importância de políticas públicas, educação e conscientização para combater e superar as desigualdades raciais. A contribuição da psicologia e das ciências sociais é essencial para desenvolver estratégias eficazes e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Acreditamos que os estudantes universitários possuem uma visão ainda limitada quanto ao racismo no Brasil.

Para compreender melhor essa percepção, realizamos um estudo com discentes universitários, visando avaliar a percepção de estudantes universitários acerca do racismo no Brasil.

2. Metodologia

Desenho do estudo

Realizamos um estudo transversal com estudantes universitários predominantemente do curso de direito na Faculdade Católica de Rondônia, que é uma instituição privada de ensino superior na região Norte do Brasil, no período compreendido entre os meses de agosto a setembro de 2024.

Questionário

Um questionário foi utilizado para obter informações sobre a percepção deles em relação ao racismo no Brasil. Ao todo, 200 acadêmicos concordaram em participar da pesquisa. O questionário foi desenvolvido pelos autores por meio de extensa revisão da literatura relevante.

Enviamos por e-mail o questionário para os alunos por meio da ferramenta do google: "Google Forms". Além de irmos nas salas presencialmente para explicar o conteúdo da pesquisa.

O google forms é uma ferramenta já difundida e aceita amplamente no mundo acadêmico, prestando muito bem para este fim.

Critérios de inclusão

Alunos matriculados nos cursos de Direito, Psicologia, Sociologia, Teologia, Enfermagem, Filosofia, Produção Multimídia: Comunicação Audiovisual e Novas Tecnologias, Gestão da Tecnologia da Informação: Plataformas Digitais e Computação em Nuvem e Gestão Comercial: Mercado Convencional e Digital outros cursos da Faculdade Católica de Rondônia.

Critérios de exclusão

Menores de 18 anos de idade e acadêmicos que se recusarem a participar da pesquisa ou a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Tamanho amostral

Foram convidados a participar da pesquisa todos os alunos matriculados nos cursos de Direito, Psicologia, Sociologia, Teologia, Enfermagem, Filosofia, Produção Multimídia: Comunicação Audiovisual e Novas Tecnologias, Gestão da Tecnologia da Informação: Plataformas Digitais e Computação em Nuvem e Gestão Comercial: Mercado Convencional e Digital e outros cursos da Faculdade Católica de Rondônia.

Aspectos éticos

Foi fornecido o termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes da pesquisa. Não incluímos grupos vulneráveis ou legalmente incapazes, assim mantendo o princípio da autonomia. Garantimos ainda que a identidade dos participantes não será revelada em nenhum momento da pesquisa.

3. Resultados e Discussão

No período compreendido entre os meses de agosto e setembro de 2024 aplicamos o questionário em 200 estudantes universitários da Universidade Católica de Rondônia. Foram incluídos nesse estudo, os estudantes que preencheram os critérios de inclusão e exclusão.

3.1 Perfil sociodemográfico dos estudantes universitários estudados

Realizamos uma análise a respeito do perfil sociodemográfico dos 200 estudantes universitários que participaram da pesquisa sobre a percepção do racismo. A amostra é composta predominantemente por acadêmicos do sexo feminino, que representam 61,5% (n=123) da população estudada, em contraste com 38,5% (n=77) de discentes do sexo masculino (TABELA 1).

A faixa etária mais prevalente entre os participantes é de 18 a 30 anos, com 74,5% (n=149) dos estudantes. As demais faixas etárias são menos representativas:

10,5% (n=21) estão na faixa de 31 a 40 anos, 8% (n=16) entre 41 e 50 anos, e 7% (n=14) na faixa de 51 a 85 anos (TABELA 1).

Em relação ao curso em que o aluno está matriculado, o curso de Direito é o mais frequente na amostra, com 76,5% (n=153) dos respondentes. Os demais cursos têm uma representação significativamente menor: Psicologia (16,5%, n=33), Administração (3,5%, n=7), Teologia (2,5%, n=5), e um único estudante cada de Filosofia e Produção Multimídia (TABELA 1).

Quanto à autodeclaração étnica, a maioria dos estudantes se identifica como parda, representando 42,5% (n=85). Os acadêmicos brancos constituem 39% (n=78), seguidos pelos negros (15%, n=30), amarelos (3%, n=6) e indígenas (0,5%, n=1) (TABELA 1).

E em relação ao grau de escolaridade, 71,5% (n=143) dos discentes estão cursando o ensino superior incompleto, enquanto 20% (n=40) já possuem outro curso superior completo. Apenas 8,5% (n=17) dos participantes possuem mestrado ou doutorado (TABELA 1).

Tabela 1– Perfil sóciodemográfico dos estudantes Universitários estudados

Variáveis	n	(%)
Sexo		
Masculino	77	38,5
Feminino	123	61,5
Idade		
18-30	149	74,5
31-40	21	10,5
41-50	16	8
51-85	14	7
Curso		
Administração	7	3,5
Direito	153	76,5
Filosofia	1	0,5
Produção Multimídia	1	0,5
Psicologia	33	16,5
Teologia	5	2,5
Etnia que o estudante se considera		
Amarelos	6	3
Branco	78	39
Indígena	1	0,5
Negros	30	15
Pardos	85	42,5
Grau de escolaridade		
Superior incompleto	143	71,5
Possui outro curso superior completo	40	20
Possui Mestrado e ou doutorado	17	8,5

3.2 Percepção dos acadêmicos quanto ao racismo no Brasil

Em nossa pesquisa com 200 participantes, 27% (n=54) relataram já ter sofrido alguma forma de racismo, enquanto a maioria, 73% (n=146), afirmou nunca ter passado por essa experiência (TABELA 2).

A - Locais de Ocorrência do Racismo

Entre aqueles que relataram ter sofrido racismo, a maioria 53,7% (n=29) indicou que a experiência ocorreu no ambiente escolar. Outros locais mencionados foram a rua 42,6% (n=23) e, em menor grau, em casa 3,7% (n=2) (TABELA 2). Esses dados sugerem que o ambiente acadêmico pode ser um espaço significativo para a manifestação de práticas racistas, o que merece atenção para ações de conscientização e combate.

B - Providências Tomadas

Em relação às ações que os estudantes tomaram após vivenciarem situações de racismo, 77,8% (n=42) informaram que adotaram alguma providência, enquanto 22,2% (n=12) não buscaram resolver a situação (TABELA 2). Esse alto percentual de resposta ativa pode indicar uma conscientização crescente sobre a importância de enfrentar e denunciar práticas racistas.

C - Reação quando sofreram racismo

Questionados quanto a reação que eles apresentaram em relação a atitude racista que sofreram. As respostas foram diversas, porém a maioria teve uma postura de recolhimento com sentimentos de tristeza e inconformidade. Apenas alguns tiveram uma postura de enfrentamento. Como podemos observar nos relatos abaixo.

“A princípio fiquei confusa devido a abordagem que sofri (no aeroporto) e ao que me foi pedido (abrir minha bolsa e torar tudo sem motivo algum, nada apitou). Apenas fiz o que me foi pedido por ter me sentido coagida e, logo quando entendi o que aconteceu, chorei, pois tive a sensação que certas coisas nunca mudam independentemente de lei, ou abolição de certo comportamento, pois a abolição de comportamentos não aboli a forma de pensar de algumas pessoas” (E27)

“Fui pra Itália uma vez e fui com minha família, fomos a uma loja em um shopping lá e o segurança da loja ficava nos seguindo para vermos o que íamos fazer e na nossa cola foi uma situação bem desconfortável sendo que tinham outras pessoas na loja e ele não ligou pra elas.” (E59)

“Nasci em 1979. Fui de criança e adolescente nos anos 1980 e 1990. Dito isso, cresci numa época em que a TV fazia piada e ridicularizava o preto em horário nobre. Trapalhões, Casseta e Planeta, dentre outros fizeram enorme sucesso fazendo isso. Ou seja, decorridos quase um século da Lei Áurea, era preciso continuar servindo,

divertindo os brancos. Quanto a reação, era complicado. Como combater alguém tão enraizado, estruturado na sociedade? Às vezes é melhor fingir que não é com você, negar sua identidade.” (E98)

“Quando ouvi aquela “piada”, meu estômago virou. Era como se, mais uma vez, meu valor fosse reduzido à cor da minha pele, e a desculpa da brincadeira tornava tudo ainda pior. Tentei sorrir, mas não consegui. O que pra eles era engraçado, pra mim era só mais uma facada. Olhei ao redor, tentando ver se alguém notava o desconforto, mas tudo continuava normal, como se eu fosse o único afetado. Respirei fundo e, antes que pudesse me calar como sempre, soltei: "Vocês acham isso engraçado? Porque, sinceramente, não tem nada de piada nisso." O silêncio que veio depois foi pesado, mas pelo menos dessa vez não fui eu quem ficou em silêncio.” (E167)

D - Conhecimento sobre Racismo como Crime

A quase totalidade dos estudantes, 99,5% (n=199), declarou saber que racismo é crime, com apenas 0,5% (n=1) desconhecendo essa informação (TABELA 2). Isso demonstra um elevado nível de conscientização sobre a gravidade do racismo e suas implicações legais entre os participantes.

E - Opinião sobre Racismo Estrutural

Quando questionados sobre a existência de racismo estrutural no Brasil, 96% (n=192) dos estudantes concordaram que esse fenômeno está presente, enquanto apenas 4% (n=8) discordaram (TABELA 2). Essa percepção predominante sugere uma compreensão crítica sobre as desigualdades sociais e raciais no país, destacando a necessidade de abordar o racismo de maneira abrangente nas discussões acadêmicas e sociais.

Tabela 2– Percepção dos estudantes Universitários quanto ao racismo

Variáveis	n	(%)
Você já sofreu racismo?		
Sim	54	27
Não	146	73
Onde sofreu o racismo?		
Ambiente escolar	29	14,5
Em casa	2	0,5
Na rua	23	11,5
Você tomou providências?		
Sim	42	21
Não	12	6
Você sabia que racismo é crime?		
Sim	199	99,5
Não	1	0,5
Na sua opinião o Brasil tem racismo estrutural?		
Sim	192	96
Não	8	4

3.2 Opinião sobre as políticas públicas para o combate ao preconceito Racial no Brasil

Quando questionado sobre as opiniões dos acadêmicos em relação as políticas públicas no Brasil a maioria demonstrou descontentamento com as atuais políticas públicas, porém boa parte reconhece os avanços das últimas décadas em relação ao preconceito racial no Brasil. Como podemos observar nos relatos abaixo.

“Acredito que no Brasil existem sim problemas com racismo, e possui políticas públicas para o combate ao racismo, porém existe problemas em sua efetividade, por não tratar o problema de fato mas apenas uma solução paliativa quanto ao racismo, e as disparidades sociais que pessoas negras sofrem em nossa sociedade, que podem se encaixar como pessoas mais vulneráveis por sua maioria, por comporem o maior percentual das pessoas mais pobres.” (E27)

“Eu vejo uma certa evolução na questão do combate aos racismo no Brasil, comparando com antigamente, hoje a sociedade em sua maioria possui uma melhora nos preconceitos raciais.” (E83)

“Insuficientes e ineficazes, mas admiro a constância com que ainda são feitas, e tenho um olhar mais otimista, pois acredito que a frequência pode levar a um bom resultado algum dia.” (E103)

“Tem se mostrado ineficazes, principalmente pela falta de implementação eficaz e continuidade nos projetos. Apesar de existirem legislações e ações afirmativas, como cotas raciais, essas medidas muitas vezes não conseguem alterar a estrutura profunda de desigualdade racial e discriminação.” (E167)

“Eu vejo bem ineficaz e ao invés de cortar esse mal pela raiz é perceptível que eles já tentam “derrubar a árvore quando já foi plantada”. Deveria tomar providências em educação racial logo na escola para que os outros cresçam com ideais de empatia ao próximo. Mas não é algo tão fácil de resolver por que as vezes o racismo vem da própria família então, acho que se bater nessa tecla de uma forma mais intensa daqui uns anos aí sim isso irá acabar. No Brasil a gente vê muito, mas na Europa é dissimulado e ignorado o racismo, o que acaba sendo bem pior para nós.” (E184)

Os resultados da pesquisa revelam um panorama complexo e multifacetado sobre a percepção do racismo entre os estudantes universitários. Embora a maioria dos participantes (73%) tenha relatado nunca ter sofrido racismo, 27% (n=54) indicaram experiências pessoais de discriminação, sendo o ambiente escolar o local mais frequente para tais ocorrências. Essa evidência ressalta a necessidade de uma abordagem mais consciente e proativa nas instituições de ensino, que são espaços críticos para a formação de identidades e valores sociais.

A elevada conscientização sobre o racismo como crime (99,5%) e a predominância da opinião de que o Brasil possui racismo estrutural (96%) demonstram uma compreensão crítica entre os estudantes sobre a gravidade e as raízes do problema. Essa percepção é essencial para fomentar discussões mais profundas e embasadas sobre desigualdade racial e suas consequências.

Apesar do reconhecimento dos avanços nas políticas públicas de combate ao racismo, muitos estudantes expressaram descontentamento com a eficácia dessas iniciativas, apontando para a necessidade de abordagens mais estruturais e duradouras. Os relatos indicam uma insatisfação com soluções paliativas e um desejo por mudanças que abordem as raízes do racismo desde a educação básica, refletindo uma compreensão de que a transformação social demanda um esforço coletivo e contínuo.

4. Conclusão

Torna-se evidente que as universidades desempenham um papel fundamental na formação de uma cultura de respeito e igualdade. Investir em programas de conscientização e em políticas afirmativas pode ser crucial para combater o racismo e promover um ambiente acadêmico inclusivo. Futuros estudos devem continuar a investigar a complexidade do racismo na sociedade brasileira, contribuindo para a formulação de estratégias efetivas de combate a essa questão persistente e desafiadora.

As universidades desempenham um papel crucial na promoção de uma cultura de respeito e igualdade. Investir em programas de conscientização e políticas afirmativas é essencial para combater o racismo e criar um ambiente educacional

integrador. Pesquisas futuras devem aprofundar a compreensão da complexidade do racismo na sociedade brasileira, com o objetivo de desenvolver estratégias eficazes para enfrentar esse desafio de forma contínua.

Referências

Ianni, Octavio. "Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil." *Estudos avançados* 18 (2004): 6-20.

Sacco, Airi M., Maria Clara P. de Paula Couto, and Sílvia H. Koller. "Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial." *Temas em Psicologia* 24.1 (2016): 233-250.

Figueiredo, Ângela, and Ramón Grosfoguel. "Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário." *Sociedade e Cultura* 12.2 (2009): 223-234.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001

DE SOUZA SANTOS, M. D. F. "A teoria das representações sociais." *Diálogos com a teoria da representação social* (2005): 13.

Pereira, Cícero, Ana Raquel Rosas Torres, and Saulo Teles Almeida. "Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial." *Psicologia: reflexão e crítica* 16 (2003): 95-107.

Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley.

Pettigrew, T. F. & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.

Martinez, I. & Camino, L. (2000, Setembro). Brasil es racista, Brasil no es racista: El discurso social como determinante de las diferencias percibidas entre blancos, negros y morenos. Trabalho apresentado no VII Congresso de Psicologia Social da Espanha, Oviedo, Espanha.

Nogueira, Oracy. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil." *Tempo social* 19 (2007): 287-308.

Menezes, Waléria. "O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola." *Cadernos de estudos sociais* 19.1 (2003).

Lins, Samuel Lincoln Bezerra, Aline Lima-Nunes, and Leoncio Camino. "O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro." *Psicologia & Sociedade* 26 (2014): 95-105.

Souza, Maria Elena Viana. "Culturas, realidades e preconceito racial no cotidiano escolar." *Campinas: UNICAMP* (2003).

dos Santos, Michele Thereza, and Ana Canen. "Desafiando o preconceito racial: a escola como organização multicultural." *Educere et Educare* 3.5 (2007): 125-139.

Gonzalez, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira." *Revista ciências sociais hoje* 2.1 (1984): 223-244.

Rosemberg, Fúlvia, Chirley Bazilli, and Paulo Vinícius Baptista da Silva. "Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura." *Educação e pesquisa* 29.01 (2003): 125-146.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira, and Jorge Vala. "As novas formas de expressão do preconceito e do racismo." *Estudos de psicologia (Natal)* 9 (2004): 401-411.

da Silva Carvalho, Daniela Melo, and Dalila Xavier de FRANÇA. "Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa." *Revista Educação & Formação* 4.3 (2019): 148-168.

Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo. "Preconceito de cor e racismo no Brasil." *Revista de antropologia* 47 (2004): 9-43.